

Não perca:

- Coluna Sem poesia não dá de **Sérgio Bernardo**
- Coluna Nas entrelinhas da escrita: Havia um rei de **Dag Bandeira**
- Coluna O Escritor em Foco: Escrever, inspiração ou trabalho? por **Christiane Angelotti**
- Coluna Nas mãos da ilustração: Autovalorização de **Danilo Marques**



Destaques:

Marcadores	2
De olho no Mercado	3
Lançamentos	7
Literalmente	10
Sem poesia não dá	13
Nas entrelinhas da escrita	15
O Escritor em Foco	16
Nas mãos da ilustração	17
Tirando da gaveta	19
Sempre mais:	
Ficção de Gaveta	20
Marque na agenda	21
Mais Vendidos	22
Cursos, oficinas e eventos	23

O Jornal do
Site Sobrecapa de Lançamentos Literários
<http://www.sobrecapa.com.br>

Novidades

Ana Cristina Melo

O editorial desse mês vem pequenino, quase um bilhete, mas é por um bom motivo. Temos novidades na estrutura do jornal. Uma nova seção nasce – a “De olho no Mercado”, assinada por mim. Trarei nessa seção meu olhar sobre notícias ou movimentações que vou encontrando, no mês anterior, no mundo real ou virtual. A proposta é diferente do que já existe na seção Literalmente, que reproduz as notícias que saem na mídia, sem opinião da Editoria.

Novas seções surgirão até o fim do ano, como é o caso da seção “Bate-papo com o escritor”, na qual teremos perfil e entrevista com alguns escritores, falando de suas obras, técnicas e relações com o mercado editorial.

Em compensação, outra seção está suspensa, por tempo indeterminado. É a “Vitrine do Leitor”.

O jornal Sobrecapa Literal nasceu de uma ideia, uma paixão, uma vontade de ver a literatura ocupar um lugar de destaque, um lugar que reserve belos assentos para os tesouros

nacionais que temos. Ele é feito como a própria arte da escrita, com cortes, reescritas, lapidações. Um passo a passo, largo e contínuo, sempre buscando oferecer o melhor para o leitor.

Por isso, estamos aguardando a participação de vocês, a divulgação, o pedido de publicidade, para que esse trabalho de formiguinha não se perca no caminho.

Mas antes de entregar a vocês as diversas matérias do nosso jornal, que foram preparados com todo carinho, quero fazer um convite. Para quem estiver no RJ, dê uma passadinha na Bienal do Livro, que está acontecendo até 11 de setembro, no Riocentro. Além da programação dos stands, a curadoria reservou vasta programação, trazendo debates e bate-papos com autores nacionais e estrangeiros.

E se estiver lá no dia 7, encontre-me de 14 às 16h, no estande Q12 do Pavilhão Verde.

Bom evento e boa leitura!

benfazeja
comunidade literária



Marcadores

O que os escritores estão dividindo com seu público...

Entrevista do escritor moçambicano **Mia Couto** para Thiago Ney, no Portal Ig, em 03/08/2011:

“O sr. não encerra os seus livros com um desfecho impactante, com alguma surpresa. Eles vão terminando aos poucos. Qual é a sua razão?”

O final tem de ser construído pelo leitor. É um final em aberto porque a própria vida é assim, não?”

Leia a entrevista completa no Portal Último Segundo. Link: <http://bit.ly/gmwYal>

Entrevista do escritor português **Gonçalo M. Tavares** para Sérgio Rodrigues, do blog Todoprosa (<http://veja.abril.com.br/blog/todoprosa/>), especialmente para VEJA Meus Livros. Publicado em 03/09/2011:

“Às vezes, suas narrativas dão a impressão de terem o pensamento como motor, com as peripécias e os fatos sempre subordinados às ideias.

Não sei. Também não consigo ver o pensamento antes da narrativa. Eu não planejo meus livros. Quando começo a escrever um texto, não sei que personagens vão aparecer, que acontecimentos vão aparecer. Começo a escrever quase instintivamente. Nunca parto de ideias prontas, nunca penso: “Vou escrever sobre tais ideias”. Vou escrevendo. Mas acho que os livros devem provocar reflexão e tento não abdicar disso. O prazer é fundamental, mas eu tento que seja um prazer que obriga a parar, a pensar. Entendo a literatura como um lugar de paragem. Eu gosto mesmo é de histórias, de contar histórias, mas espero que sejam histórias diferentes das que se podem contar em outros meios, como a televisão.”

Leia a entrevista completa no site da Veja. Link: <http://bit.ly/rlvmtmq>

Entrevista da escritora **Beatriz Bracher** para Michelle Horovits, no Blog Amálgama, em 22/08/2011:

“Por que deixou de trabalhar como editora para ser escritora?”

O trabalho como editora começou a ficar muito penoso. Eu pensei bastante, começou a dar uma certa claustrofobia de estar lá. Tinha a impressão que era tudo mais pronto, ou você era ou você não era escritora. Tirei um ano para escrever o *Azul e Dura*, e resolvi que era isso. Ninguém escreve como quer, o máximo que consegue é não escrever como não quer, porque aí você joga fora e pronto. Para mim começa sempre com o personagem, ele me leva. Mas você só consegue que o texto seja bom se aquilo tiver a ver com você.

Desde a adolescência, pensava que a coisa mais importante era ser a melhor escritora. Mas tem que ter coragem para se tornar escritora, tem que treinar, batalhar, rever, reescrever. Podia me transformar na melhor editora do mundo ou na melhor física, mas nada seria tão importante como isso. Talvez por colocar a atividade da escrita num local tão elevado, tinha muito medo. Escrevi alguns contos, mas nunca mostrei para ninguém. A ideia de fazer a revista e, depois, a editora 34, sempre com outros amigos, veio porque eu gostava de ler e achava que não tinha espaço onde publicar. Queria criar um espaço para ler o que me interessava. Com a experiência da editora, fui vivenciando a coragem das pessoas de mandar livros inéditos. Às vezes eram ruins e outros, bons, mas precisando de ajustes. Escrever é uma coisa que exige trabalho e também coragem. Me faltava isso. O trabalho na editora me ajudou pelo exemplo daqueles que escreviam os originais que eu precisava ler e selecionar.

Como funciona o seu processo de escrita? Parece tão natural...

A maneira de escrever esse fluxo e totalmente entrecortada e ao contrário, existe planejamento, eu corto, corto muito. No meu primeiro romance, *Azul e Dura*, tenho uma personagem que escrevia uma parte de seus diários bêbada. Então eu fui mostrar o livro para um editor amigo meu, ele perguntou se eu tinha escrito aquele capítulo bêbada. Foi um elogio para mim, pois tinha conseguido passar isso através da escrita.

Leia a entrevista completa no Blog Amálgama. Link: <http://bit.ly/nQtwCN>



De olho no Mercado

Ana Cristina Melo

Cristiane Rogério e a coluna "Ler para Crescer"

Para inaugurar a seção "De olho no Mercado" trago a dica da **coluna "Ler para Crescer"** que é carinhosamente produzida por **Cristiane Rogério**, e publicada no site da Revista Crescer. O espaço tem uma preocupação toda especial de aproximar os leitores-mirins da Literatura. Os livros são mais do que divulgados, são analisados com o olhar de quem entende o que agrada aos baixinhos.

Para um primeiro encontro com o trabalho da Cristiane, leiam a matéria "De pai para filho" acessível no link: <http://glo.bo/mTwJDA>.

Nina Krivochein e sua estreia com a vaquinha Gina

Gina é uma vaquinha que adorava jujubas e resolve bolar um grande plano para fugir do pasto, pois não gostava de viver cercada. Depois que foge, sente saudades dos filhos e resolve voltar, já com um novo plano para carregar todos eles. O mais interessante desse enredo é que ele foi criado por uma autora que tem apenas sete anos. É da **Nina Krivochein** que falo. Uma doçura de menina que estreou seu livro "A vaca que não gostava do pasto" pela Editora Vermelho Marinho. Nina é filha de Joana Cabral, escritora e uma das editoras do site Tabletes Culturais (<http://www.tabletesculturais.com.br>), e, claro, grande incentivadora da filha. A menina ainda não sabe se seu futuro será no meio literário, mas sua produção não para por aí. Já finalizou seu segundo livro, que traz a história de um tigre e uma formiga, e já tem planos para o terceiro. Nina mantém o blog "Mamãe, lê uma historinha?" (<http://ninakrivochein.blogspot.com>) no qual fala dos livros que têm lido. Quem quiser conhecer a autora-mirim e pegar seu autógrafo, basta ir à Bienal do Livro, no estande Q12 (Pavilhão Verde), da Editora Vermelho Marinho, nos dias 10 e 11, das 14h às 19h.

Prêmio Moacyr Scliar de Literatura premiará não só os escritores como as editoras

O Governo do Estado do Rio Grande do Sul, por meio do seu Instituto Estadual do Livro, lançou o Prêmio Moacyr Scliar de Literatura, para obras publicadas na categoria Poesia. O grande diferencial desse prêmio, que se iguala aos grandes prêmios nacionais, é que não só o escritor é laureado financeiramente, mas também a editora. Sem dúvida, um grande incentivo para a publicação nacional. A cada ano, um gênero será contemplado, alternando entre poesia e conto. E a justificativa para não incluir o gênero romance é mais do que válida. Há uma grande quantidade de prêmios instituídos para essa categoria. Privilegiar a poesia e o conto num concurso relevante é uma iniciativa que deve ser valorizada. Saiba detalhes na seção Ficção de Gaveta aqui do jornal.

A Nuvem de Livros está chegando

O livro digital ganha mais força com a chegada da Nuvem de Livros, uma biblioteca proposta pela Gol Editora (<http://www.golgrupo.com.br>). Durante a Bienal acontecerá o lançamento oficial do projeto, disponível, num primeiro momento, somente para um grupo fechado, mas logo aberto ao público em geral. A biblioteca já nasce com um acervo de 3 mil títulos, escolhidos sob a curadoria do escritor Antônio Torres, a partir de parcerias com várias editoras. O enfoque é o mesmo de uma biblioteca, só que virtual. Os leitores pegarão emprestados os livros e depois "devolverão" para a nuvem. A intenção da Gol Editora é oferecer o serviço a todos os públicos, mas as escolas terão uma atenção especial. Os empréstimos custarão cerca de R\$ 1 por aluno. O acesso ao público será liberado em 19 de setembro. É uma proposta inovadora que tende a movimentar o mercado. Considerando os planos do governo de trocar o tradicional material didático em papel por e-books (veja matéria na seção Literalmente), temos uma grande possibilidade de termos nesse projeto um pioneirismo para aumentar a leitura entre os alunos. Confira outras informações sobre esse projeto na matéria publicada pelo IDG Now, em <http://bit.ly/oKrnQ6>.



De olho no Mercado

Ana Cristina Melo

Onde está o preconceito?

Dizem muito que o preconceito está na literatura contemporânea, na literatura de entretenimento, mas, se um lado torce o nariz para aqueles que escrevem um texto mais palatável, há quem torça o nariz para quem escreve um texto mais experimental. Quem acompanha meu editorial, desde a primeira edição do jornal, sabe que defendo, antes de tudo, a leitura sem preconceitos. A literatura pressupõe transformação, a transformação do texto em outro, quando passa pelas mãos do leitor; a transformação do próprio leitor. E há degraus para isso. Há leitores que se formam aos poucos. Ninguém nasce amando Dostoiévski, e nem todos vão amar somente Harry Potter por toda vida. Sou a primeira a apontar minha decepção quando os cadernos literários apresentam apenas estrangeiros. E sou a primeira a divulgar no meu Facebook meu contentamento e orgulho quando um caderno literário carioca publica uma edição com 100% de resenhas nacionais. Foi lendo a ótima crônica "Cinema de autor" da jornalista e escritora Marta Barcellos, publicada no site Digestivo Cultural, que percebi que o preconceito cultural está em todo lugar e de diversas formas. Pior, está de todos os lados. Um lado ataca o outro. Um lado desrespeita o outro. E isso precisa ter um basta. Quem sabe, aos poucos, conseguiremos essa união. Ítalo Moriconi, curador da Bienal do Rio, tentou na programação, um encontro entre leitores, autores reconhecidos pela crítica e autores badalados pelos leitores. Acho que essa mistura tem tudo para dar certo. Confira o artigo da Marta Barcellos em <http://bit.ly/o50mUS>.

João Paulo Vaz ministra Oficina de Contos para Jovens

No próximo dia 13 de setembro, começa na Estação das Letras, a Oficina de Contos para Jovens, ministrada pelo escritor **João Paulo Vaz**. Para saber um pouquinho mais sobre essa oficina tão diferente, com relação ao seu público alvo, fiz uma entrevista com ele, que os leitores do Sobrecapa Literar conferem agora.

João,

A paixão pela literatura surge para os escritores em momentos diferentes, mas vejo que há algo em comum para todos eles: é um momento que vem carregado de expectativas e dúvidas. Dúvidas essas que para jovens podem delinear caminhos que eles vão seguir no futuro.

Ao trabalhar com jovens de 13 a 18 anos numa oficina de conto, certamente, você irá se deparar com aspirantes a escritores, que ainda têm muito caminho pela frente, não só pela maturidade que um escritor precisa para explorar alguns temas, como pelo entendimento de que o trabalho de escrita é um trabalho de carpintaria. Sem contar, que eles vão descobrir que a regra é nem sempre ser possível sobreviver da escrita.

Ana: Então, queria que você apresentasse aos leitores do Sobrecapa Literar um pouco da sua proposta e da sua animação para trabalhar com esses jovens.

João: Para o meu desenvolvimento como contista, as oficinas foram e continuam sendo fundamentais. Reescrevo muito os meus textos e minha experiência é que a autocrítica é uma crítica muito limitada. Preciso da crítica dos outros. Além disso, tive a sorte de começar pela oficina do Jair Ferreira dos Santos, na Estação das Letras, uma oficina excelente em que o trabalho se concentrava de fato no desenvolvimento da capacidade de crítica e na análise de textos dos participantes. Por essas duas razões, sou um entusiasta de oficinas.

Há dois anos, comecei a "clonar" a oficina do Jair na ong Nós do Morro, no Vidigal, para jovens de uma



De olho no Mercado

Ana Cristina Melo

faixa etária em torno de 17 anos. Gostei muito da experiência, e estou empolgado com a perspectiva de repeti-la na Estação, e com a possibilidade de trazer jovens para o universo de cursos e oficinas da Estação, onde eles podem encontrar praticamente tudo o que se refere à Literatura.

Ana: Vamos falar um pouco sobre você. Quando surgiu o desejo de se tornar escritor?

João: Não sei dizer. Acho que sempre existiu. Desde a adolescência senti a necessidade de colocar emoções e pensamentos no papel. Tenho uma gaveta cheia de cadernos e folhas soltas com essas tentativas, rigorosamente nada que valha a pena ler. Não sei por que, apesar de ser um leitor apaixonado de literatura de ficção, só em 2000, por causa de um concurso de contos, resolvi, pela primeira vez, escrever ficção. Escrevi dois contos que achei excelentes. Não eram. A frustração com o resultado do concurso me levou à Estação das Letras, onde aprendi a escrever contos e descobri que a prosa de ficção é a linguagem com que sei me exprimir melhor.

Ana: Que leituras o atraíam quando jovem?

João: Para ficar na faixa dessa oficina: aos 13, eu tinha passado dos livros de Monteiro Lobato para as aventuras de Sherlock Holmes, do Conan Doyle. Depois, descobri o Arsène Lupin, de Maurice Leblanc, que esgotou minha fase de histórias de mistério. Daí até os 18, li tudo de Jorge Amado e toda a obra de ficção de Sartre. Também lia poesia. Meus poetas preferidos eram Castro Alves, Gonçalves Dias e, mais perto dos 18, Drummond.

Ana: Trabalhar ficção é muito mais transpiração do que inspiração, mas é preciso que haja um *flash*, uma luz que dispara a ideia que será lapidada. Como surgem suas ideias?

João: Das formas mais diversas. Às vezes é um tema, algo de que eu quero falar através de uma história. Às vezes é uma história, cujo tema eu só descubro depois. Às vezes é um sentimento vago que eu tento capturar numa história. Nos três casos, um conto pode acontecer ou não. Tenho uma vasta coleção de tentativas fracassadas. O terceiro caso, o do sentimento vago, é o que mais frequentemente fracassa, mas também é o que, quando dá certo, produz os contos de que mais gosto.

Ana: Você consegue trabalhar por encomenda? O que é mais fácil: trabalhar uma ideia que surge de repente, ou trabalhar sobre um tema pré-definido?

João: Consigo. E acho mais fácil do que trabalhar com tema livre. Mas os meus contos produzidos assim não são os melhores.

Ana: Vamos falar, agora, um pouco sobre a oficina. Que autores nacionais você pretende trabalhar com os jovens? E quais autores estrangeiros?

João: Costumo começar com o conto "A carteira", de Machado de Assis, porque tem uma estrutura muito simples e bem feita. Outros autores que costumo usar são Luís Fernando Veríssimo, Marcelino Freire, Catarina Pereira e Gabriel Garcia Márquez. Mas, com exceção do conto de Machado de Assis e do parágrafo inicial de "A Metamorfose", de Kafka, não tenho um conjunto fixo. A escolha depende de como percebo o espírito da turma. E, muito mais que com esses autores, trabalho com textos dos próprios participantes.



De olho no Mercado

Ana Cristina Melo

Ana: Há autores que podem parecer difíceis para um primeiro contacto com os jovens, mas que possuem textos fabulosos que encantariam todas as faixas etárias. Clarice Lispector é um bom exemplo. Até mesmo alguns leitores mais velhos afirmam que é melhor começar pelos contos dela do que por seus romances. Há um conto da Clarice que é o meu preferido. Chama-se "Felicidade Clandestina". Você poderia nos revelar um conto que fosse o seu preferido, com linguagem e forma que certamente agradaria a todas as faixas etárias?

João: Meu conto preferido é "Um senhor muito velho com umas asas enormes", do Garcia Márquez. E é um conto que, além de genial, é construído de uma forma muito simples, eu diria até, didática.

Ana: Cite alguns contistas que são indispensáveis para um aspirante a escritor começar a ter contato com o gênero.

João: A partir do adjetivo "indispensável", os primeiros nomes que me ocorrem são Kafka e Machado de Assis. Mas não acho realmente que haja autores indispensáveis, porque mesmo a leitura desses dois pode ser substituída pela leitura de outros bons autores. Há um conjunto de contistas de que gosto e que inclui suficiente diversidade de estilos para dar ao leitor uma boa visão das possibilidades do conto: entre os nacionais, Machado de Assis, Rubem Fonseca, Clarice Lispector, Catarina Pereira; entre os estrangeiros, Tchecov, Kafka, Garcia Márquez, Cortázar, Borges, Bukowski, Hemingway, Saul Bellow.

Ana: Aprender a analisar o texto dos outros é algo muito importante para um escritor, pois com isso ele aprende a analisar sua própria produção. As oficinas literárias são, em geral, ótimos ambientes para essa troca. Contudo, às vezes, pode acontecer do aluno encontrar orientadores ou até colegas que abordam o texto do outro como se houvesse uma disputa e não uma parceria. Que conselhos você daria para aspirantes com personalidade mais introspectiva, para que não se assustem se passarem por essa experiência?

João: No início de cada oficina, procuro deixar bem claro que não se trata de um concurso, que nem eu nem ninguém ali é juiz de coisa alguma. Por outro lado, aprendi com o Jair a cobrar sempre, de cada um, algo melhor do que ele já está fazendo. Ou seja, cada um é forçado a competir consigo mesmo, não com os outros. Não vejo, nas minhas oficinas, muitos problemas de competição. O problema mais comum é a dificuldade em escutar e tirar proveito das críticas. Então, aconselho e repito muitas vezes um conjunto de regras que definem a atitude a ser adotada enquanto seu conto é criticado: não tente defender seu texto, não critique a crítica, evite até pensar se concorda ou não com ela (isso é para ser feito depois, em casa); escute apenas e se esforce por entender, e nunca se esqueça que a crítica é apenas àquele conto específico, não asua capacidade de escrever, muito menos a você. Minha experiência, por curioso que possa parecer, é que é mais fácil conseguir essa atitude com o pessoal mais jovem.

Ana: Convide os leitores do Sobrecapa Literar que estão no Rio para participar da sua oficina.

João: A oficina começa no dia 13 de setembro e vai até 6 de dezembro. São doze sessões semanais de duas horas cada, toda 3ª feira, às 16 horas. Vamos ver alguns modelos e elementos básicos para a criação de contos, mas a principal atividade será a análise de contos escritos pelos próprios participantes. A inscrição pode ser feita na sede da Estação das Letras (Rua Marquês de Abrantes, 177 – Ljs 107/108 - Flamengo), por telefone (3237-3947) ou pela Internet (estacaodasletras.com.br/cursos/cursos-setembro-de-2011).



Lançamentos Literários

A Cobra e a Corda & Botas e Bolas (de Lúcia Bettencourt. Il. de Fernanda Morais)

Cada livro:

(R\$ 19,00 – 16 pp. - Editora Escrita Fina)

Nova coleção da Editora Escrita Fina faz brincadeiras fonéticas, à moda dos trava-línguas

"A cobra se desenrola/ e rebola até a corda. / A cobra pede para a corda:/ - Acorda!". "As bolas não gostam/ dos chutes das botas/ mas as botas gostam/ de chutar as bolas/ redondas". Com versos assim, divertidos e desafiadores, a parceria entre as duas artistas dá cores contemporâneas a uma brincadeira que mora nas lembranças felizes de muita gente.

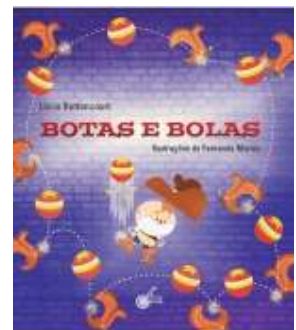
Uma cobra se apaixona por uma corda, porém não é correspondida. Botas chutam as bolas e dormem cada qual o seu sonho, trancadas no armário. Dito assim, parece simples. Mas e quando as palavras resolvem fazer travessuras e contar a história de um jeito que faz travar a língua da gente?

Pois esse é o charme das narrativas que a escritora Lúcia Bettencourt e a ilustradora Fernanda Morais apresentaram na nova coleção da Editora Escrita Fina, a Letras Travessas. Por

aqui, a leitura exige mais do que atenção: pede ritmo e desembaraço, ao mesmo tempo em que incita o riso. Assim, se aproveita daquilo que a cultura popular já sabe há tempos: que as histórias conhecidas como trava-línguas são um ótimo exercício para a pronúncia e para a imaginação da garotada.

Os dois primeiros livros da série são *A cobra e a corda* e *Botas e bolas*. No primeiro, uma cobra se vê apaixonada por uma corda para lá de enrolada. O segundo conta a história de uma bota astuta que inferniza a vida de uma bola. Em ambos, a diversão é garantida. Mérito das frases bem boladas, cheias de lirismo e de sagacidade, da escritora Lúcia Bettencourt, uma contista já premiadíssima, e que estreia agora na literatura para crianças. E mérito também das imagens oníricas e bem-humoradas de Fernanda Morais, que dão forma ao jeito moleque, irresistível, com o qual as palavras se entregam ao mundo das travessuras.

Lúcia Bettencourt é carioca, vencedora do Prêmio SESC 2005 com o livro de contos *A Secretária de Borges*. Ganhou ainda o I Concurso Osman Lins de Contos, no Recife (2006) e o Josué Guimarães (2007).



O Xamado: teclando com o além (de Laura Bergallo)

(R\$ 24,90 – 128 pp. – Ed. Vida & Consciência)

Leo e seus amigos são impelidos a investigar a morte de José Eleutério, a "assombração" que apareceu do messenger. Embora tenha sido noticiada como suicídio, o personagem garante que sua partida deste mundo foi causada por assassinato. E a lista de suspeitos é grande: ex-mulher, colega de trabalho, chefe ambicioso e até a namorada (que após sua morte está "ficando" com o personal trainer de Eleutério).

Laura se utiliza de uma linguagem simples e jovial, com gírias e abreviações da comunicação virtual, para envolver os leitores nessa trama repleta de desafios e provas de coragem. Os quatro amigos "teclam" com o além, criam planos mirabolantes com seus celulares e encontram alternativas inusitadas ao tentar desvendar esse mistério que deixaria qualquer um de cabelo em pé.



A mocinha do Mercado Central (de Stella Maris Rezende)

(R\$ 29,90 – 112 pp. – Globo Livros)



Maria Campos. Este era o nome completo da mocinha do interior de Minas Gerais. Pouco, pensava ela. Principalmente se comparado ao da amiga Valentina Vitória Mendes Teixeira Couto. Faltava-lhe o sobrenome do pai, já que fora concebida em uma circunstância trágica. Mas o que pode representar de fato um nome? Valentina, a quem Maria no princípio achara meio enxerida, e que acabou por se tornar uma grande amiga, sabia de cor o significado de todos eles. Da situação adversa, Maria tirou a ideia que a colocaria em uma sequência de aventuras: adotaria em cada lugar por onde passasse uma personalidade que correspondesse ao sentido do nome escolhido.

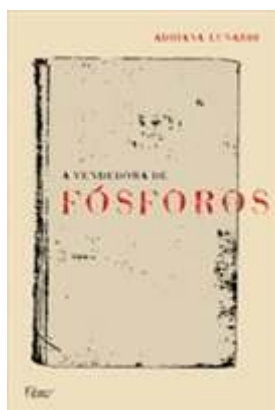
Este é o enredo do livro de Stella Maris Rezende, com ilustrações de Laurent Cardon e uma participação especial do ator Selton Mello, que

não apenas faz a apresentação, como também aparece na história como referência afetiva para a personagem principal. A mocinha do Mercado Central tem a peculiaridade de se situar entre o romance, que narra o desenvolvimento de um protagonista, e uma sequência de contos que se desenrolam em diferentes cidades por onde ela passa. A obra fala da vida em uma fase de transformações, cheia de descobertas e desafios. Fala, em síntese, do desejo de liberdade que só é alcançado com a coragem de se reinventar a cada nova relação.

Mesmo estando em São Paulo, no Rio de Janeiro ou em Brasília, Maria nunca perde o jeito mineiro. E a narrativa de Stella Maris, cheia de lirismo e imaginação, mantém uma descrição vívida e realista das personagens e lugares, e garante a autora na tradição dos grandes prosadores das Gerais.

A vendedora de fósforos (de Adriana Lunardi)

(R\$ 29,50 – 192 pp. – Ed. Rocco)



Uma mulher aproveita uma folga para pôr em ordem a sua estante de livros. No meio da arrumação, é surpreendida por um telefonema: a irmã mais nova, que mora em outra cidade, foi internada após mais uma tentativa de suicídio. Depois de anos de separação, a mais velha é obrigada a rever o passado, essa caixa-preta de fraturas, angústias, segredos, recalques e escombros que, durante muito tempo, esquivou-se de inventariar.

O romance *A vendedora de fósforos* é um mosaico perturbador da relação entre duas irmãs. Sob um eixo narrativo, a mais velha descreve sua viagem rumo ao encontro daquela que foi hospitalizada. Uma segunda narrativa, à guisa de "memórias", ilumina os episódios vividos entre elas até a chegada da vida adulta.

Neste passado, o microcosmo é uma família de classe média com hábitos peculiares. O pai, um contador inábil, estabelece uma rotina nômade para todos, fugindo de dívidas e de seu próprio passado. De tão frequentes, as mudanças de cidade inviabilizam a criação de laços que extrapolem o círculo familiar. A mãe resigna-se numa espécie muito particular de submissão, engalanada com *tailleurs* e sapatos de salto improváveis para o cotidiano de uma dona de casa. E o irmão mais velho intriga fonoaudiólogos com um problema incomum: é incapaz de referir-se a si próprio em primeira pessoa.

A vendedora de fósforos tomou o seu título do conto "A pequena vendedora de fósforos", de Hans Christian Andersen. "Dá para mudar a história dos livros?", indaga uma das irmãs. "Aquele é a história do Andersen. A minha eu conto assim", ouve como resposta.



Mais lançamentos Literários

- O Verso do Cartão de Embarque, de Felipe Pena

(R\$ 34,90 – 208 pp. – Editora Record)

A quem delegar a difícil tarefa de receber uma trágica notícia "pessoal"? Quem (re)contará a história que não nos pertence? É o que se pergunta um escritor decadente quando preenche o verso do cartão de embarque e dedica uma crônica ao assunto, minutos antes de viajar para um lugar desconhecido. Duas leitoras, Nicole e Berenice, se identificam com a crônica e tentam descobrir o paradeiro do escritor. Felipe Pena construiu um romance em que risos e lágrimas se misturam.



- Nós passaremos em branco, de Luis Henrique Pellanda

(R\$ 34,00 – 192 pp. – Arquipélago Editorial)

O cronista esquadrinha a sua cidade tal qual um *flâneur*. O que pode escapar à percepção da maioria de nós é retido na memória do cronista. Assim nasce uma galeria de situações e personagens bastante particular: a prostituta que joga pétalas de rosas sobre a menina que dorme na praça; a alucinada estreia do filme *The Doors* no antigo Cine Plaza; um assassinato – cinco tiros na cara – bem debaixo da janela do autor; a macaca dançarina que hipnotiza o músico; a mocinha com o canivete, lembrança de um verão distante.

O sobrenatural serve para iluminar o que há de humano nos seres que, como o autor, vagam pela cidade. Assombroso, na verdade, é o indiscutível talento de Pellanda para extrair lirismo do que acontece naquelas ruas.



- A Rebelião dos Peixes, de Ovídio Poli Junior.

(48 pp. - Selo OffFlip)

Em um futuro não muito distante, seres marinhos de todas as partes se reúnem para tentar impedir a degradação dos mares e a destruição do planeta. Trata-se de uma fábula narrada por um peixe-lanterna, que vive em regiões abissais e gosta de ler livros antigos.



- Visão Distorcida, de Dag Bandeira

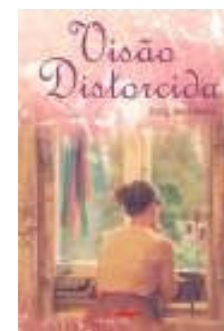
(Editora Vermelho Marinho)

Lançamento no dia 07 de Setembro, de 12h às 14h,
no Estande Q12 (Pavilhão Verde) da Bienal do Livro do Rio de Janeiro.

Jornalista, diagnosticada esquizofrênica, Eva parece nunca ter se levado a sério. No entanto, revela-se uma grande narradora ao receber visitas nos períodos de internação e, em idade avançada, morando com a filha.

Nascida na década de 40, exerceu a profissão dos anos 60 aos 90. Revivendo suas memórias, ela se dá conta de que "alguns fatos, sem qualquer explicação, teimam em permanecer ocultos ao consciente e, quando menos se deseja, a lembrança desses episódios vem à tona como os anfíbios famintos em busca de suas presas".

O romance de estreia de Dag Bandeira, narrado por Eva Verwerfung, não nos deixa esquecer que vivemos num mundo plural, onde sofrimento, doença, tragédia, corrupção coabitam com o encontro do amor, com as hilárias ironias da vida ou com as descobertas de nós mesmos. Enfim, um prato cheio para nos perguntarmos: a vida imita a arte ou é o reverso da medalha?



- O Herói, de Dalva Agne Lynch (Ilustrações de Danilo Marques)

(Editora Com-Arte – Selo da Escola de Comunicação e Artes da USP)

Lançamento no dia 12 de Setembro, a partir das 19h,
no Bar Balcão (R. Doutor Melo Alves, 150 – São Paulo – Tel (11) 3063-6091)



Literalmente...



“O problema nosso não é apenas de educação, de gramática... É de leitura. Eu não sei o que é objeto, mas sei escrever bem para burro. (...) Queria que meus filhos fossem músicos e espalhei instrumentos pela casa. Todos aprenderam a tocar. Espalhem livros pelas suas casas” (Ziraldo, para o Diário do Grande ABC)

Livraria Cultura inaugurou em agosto sua primeira loja no Rio de Janeiro. A Cultura inaugurou no último dia 31 de agosto sua loja dentro do Shopping Fashion Mall. Com 1000m², é a menor da rede. Uma nova filial no RJ será inaugurada em abril. Com 3300 m², ocupará o endereço onde era o Cine Vitória, no Centro. Ainda em 2011 a Cultura chega a Curitiba. (Fonte: Jornal O Globo, de 1/9/2011)

○ **M**inistro da Ciência e Tecnologia, Aloizio Mercadante, em entrevista à Agência Brasil, afirmou ter a intenção de trocar os livros didáticos em papel por Tablets. (Fonte: A Cidade, <http://ow.cx/TvBKf>)

○ **t**rabalho de Otávio Júnior, conhecido como o Livreiro do Alemão, chegou à Santa Catarina. O Jornal Floripa divulgou a criação da Biblioteca (ou Barracoteca, como Otávio diz) Hans Christian Andersen. O local que ocupa um antigo salão de forró, no morro do Caracol, funciona desde maio, mas foi inaugurado oficialmente em agosto, com o objetivo de aproximar ainda mais os livros das

crianças da comunidade onde Otávio mora. (Fonte: Jornal Floripa - <http://bit.ly/pB7gak>)

○ **O**távio tem motivo extra para estar feliz. A Panda Books acaba de vender os direitos de seu livro “O Livreiro do Alemão” para a Ediciones Ambulantes, na Espanha (Fonte: Coluna Babel do Estadão. <http://bit.ly/nYcblz>)

Ziraldo abriu a Feira Literária de São Bernardo e com seu tradicional jeito brincalhão, mandou um recado sério sobre como incentivar a leitura: “O problema nosso não é apenas de educação, de gramática... É de leitura. Eu não sei o que é objeto, mas sei escrever bem para burro. (...) Queria que meus filhos fossem músicos e espalhei instrumentos pela casa. Todos aprenderam a tocar. Espalhem livros pelas suas casas”. (Fonte: Diário do Grande ABC <http://bit.ly/reYXGQ>)

○ **O**s vencedores do Prêmio SP de Literatura, Rubens Figueiredo e Marcelo Ferroni, devem se juntar aos ganhadores das três edições anteriores em viagens ao exterior promovidas pelo Itamaraty. O Ministério de Relações Exteriores informou ao governo do Estado de São Paulo o interesse de incluí-los em sua estratégia de divulgação da cultura brasileira em outros países. (Fonte: Paraná Online - <http://bit.ly/q21072>)

○ **e**scritor Henrique Schneider é um defensor da expansão da literatura. Por isso, decidiu reverter R\$ 1,00 de cada exemplar de suas obras, vendidos antes de suas palestras, para a biblioteca da instituição que o recebe. (Fonte: Site Novo Hamburgo - <http://bit.ly/pScXtG>)

Já está circulando a primeira edição do *Cândido*, o novo jornal literário da Biblioteca Pública do Paraná (BPP). Com distribuição gratuita, o periódico mensal tem tiragem inicial de cinco mil exemplares e linha editorial dedicada à leitura e à literatura. Vida longa ao *Cândido*! (Fonte: Agência de Notícias do Governo do Paraná - <http://bit.ly/qW6V2Z>)

Lançado o Sibite, a primeira rede social cultural do Brasil. O site <http://www.sibite.com.br/> será um grande portal para se produzir cultura e ainda ser uma empresa de investimento coletivo que visa promover o acesso à produção cultural. A ideia parte do conceito de *crowdfunding*, financiamento colaborativo, que já existe em vários países e funciona a todo vapor. (Fonte: Estadão. <http://t.co/ZAU8N4H>)



Literalmente...

Falando em financiamento colaborativo, Ramon Mello, curador da obra do poeta Rodrigo de Souza Leão, está tentando patrocínio para a exposição de algumas telas do escritor. Para participar: <http://catr.se/p81KDq> (Fonte: Facebook da Editoria)



A obra *O Fazendeiro do Brasil*, fora do catálogo há 200 anos abrirá a Editora da Biblioteca Nacional em novembro. Fonte: <http://t.co/ujp3IMS>.



Felipe Pena finalizou sua Trilogia do Campus, iniciada com o romance "O analfabeto que passou no vestibular" (Ed. 7Letras), reeditado agora pela Record com o título "Fábrica de Diplomas", seguida do romance "O marido perfeito mora ao lado" (Record) e encerrada com o lançamento do livro "O Verso do Cartão de Embarque". O título "Fábrica de Diplomas" acompanha o nome provisório da minissérie baseada no livro que o autor está adaptando para a Globo. (Fonte: Email da Editoria e Coluna Babel do Estadão - <http://bit.ly/nYcblz>)



Confira a coluna *Dicas*

ao "jovem assistente editorial" escrita por Cindy Leopoldo e publicada no PublishNews. Em <http://bit.ly/nYcblz>.



Jô Soares entregou à Companhia das Letras os originais do seu novo romance, que sairá no final de outubro. É a história de um homem que, traumatizado com a mãe obesa, começa a matar mulheres gordas. (Fonte: coluna de Ancelmo Góis – O Globo, via PublishNews de 09/08)



Os escritores Umberto Eco e Andrea Camilleri estão entre os nomes mais cotados para ganhar o Prêmio Nobel de Literatura em 2011, seguindo a opinião do mercado editorial italiano. Mas há dois brasileiros na lista de apostas: Paulo Coelho e Leonardo Boff. (Fonte: Portal Terra, em <http://bit.ly/rccSav> e Veja, em <http://bit.ly/o2fMjK>)



A um ano do centenário de nascimento de Jorge Amado, as homenagens começam a ser feitas. Vários eventos estão programados, entre eles: a estreia, em outubro, do filme *Capitães de Areia*, adaptação de seu romance homônimo, e o projeto *Jorge, Amado e Universal* que a partir de março de 2012 será exposto no Museu de Língua Portuguesa de São Paulo e depois percorrerá diferentes cidades brasileiras. (Fonte: Portal Terra: <http://bit.ly/p9FDOD>)



A programação completa para comemoração do centenário de Jorge Amado pode ser conferida na matéria do site G1, em <http://glo.bo/oj79up>.



Editora Novo Século lança "A arte da Ficção" de Henry James (trad. Daniel Piza). Na visão do escritor, não há tema que não possa ser abordado e não há abordagem que seja mais ou menos recomendável. (Fonte: Jornal do Comércio. Em <http://bit.ly/pjh0Re>)



Segundo levantamento feito pelo jornal Estadão, a partir de dados da Andifes (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior), os universitários brasileiros leem em média de um a quatro livros por ano. (Fonte: Jornal Destak, em <http://bit.ly/ncLvCi>).



Falando de pesquisas, de acordo com o estudo "Produção e Venda do Setor Editorial Brasileiro", da Câmara Brasileira do Livro (CBL) e do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), o mercado editorial brasileiro cresceu 8,12% em 2010, faturando mais de R\$ 4,5 bilhões. A pesquisa apontou ainda um aumento de 13,2% no número de exemplares vendidos em todo Brasil. (Fonte: Mundo do Marketing, em <http://migre.me/5CnsI>)



"A um ano do centenário de nascimento de Jorge Amado, as homenagens começam a ser feitas. Vários eventos estão programados, entre eles: a estreia, em outubro, do filme *Capitães de Areia*, adaptação de seu romance homônimo"





Literalmente...



E seguindo na cola das pesquisas, uma outra feita pelo National Literacy Trust, divulgou que os jovens britânicos estão abandonando Dickens, Shakespeare e Keats em troca do Facebook e Twitter. (Fonte: Reuters, via Portal Terra, em <http://bit.ly/qordQM>)



Thalita Rebouças lança curso online para falar sobre o mercado editorial para futuros escritores. (Fonte: IEDB, em <http://bit.ly/abq6zm>)



Aamazon, a grande varejista virtual, quer se tornar uma editora importante, e assinou contrato para publicar um autor que já é best-seller, causando reação no mercado literário. (Fonte: New York Times, via Portal Ig, em <http://bit.ly/q1SCYL>)



Está no ar a Revista Emília, voltada à literatura para crianças e jovens. Belíssimo trabalho. Confirmam <http://www.revistaemilia.com.br>. (Fonte: e-mail da Editoria).



Seis dos sete textos de escritores que são leituras obrigatórias para os processos seletivos das universidades locais do Pará serão encenados por alunos do 2º ano do Colégio Marista, durante a XV Feira Pan-Amazônica do Livro. Estão na lista de encenações

textos de Eça de Queirós, Bernardo Guimarães, Inglês de Souza e Machado de Assis. (Fonte: Agência Pará, em <http://bit.ly/r2Crz>).



James Patterson, de acordo com a Forbes, é o escritor mais bem pago do mundo. Seus livros de suspense lhe renderam no último ano US\$ 84 milhões, mais que o dobro da segunda colocada, Danielle Steel, que arrecadou US\$ 35 milhões. Em terceiro lugar ficou Stephen King, com um faturamento de US\$ 28 milhões, seguido de Janet Evanovich (US\$ 22 milhões) e Stephenie Meyer (US\$ 21 milhões). Em último, ficou J. K. Rowling, com US\$ 5 milhões. Os autores mais ricos têm em comum uma inclinação pelos enredos de fantasia ou mistério, mas também a habilidade para criar sagas e produtos derivados, como adaptações para o cinema e televisão. (Fonte: Jornal de Notícias, em <http://bit.ly/nO525Q> e Diário do Grande ABC, em <http://bit.ly/qH70eK>)



Nelson Rodrigues ganha blog com textos inéditos em site dedicado ao seu centenário que será comemorado em 2012. O blog hospedado no endereço www.nelsonrodrigues.com.br é mantido por sua filha, Sonia Rodrigues, e apresentará posts como se fossem publicados pelo próprio

Nelson, a partir de textos escritos por ele. (Fonte: Marie Claire, em <http://glo.bo/plYu8c>)



A poucos meses de completar 104 anos, o arquiteto Oscar Niemeyer, lançou seu novo livro "As igrejas de Oscar Niemeyer" com plantas e fotos dos principais projetos do gênero. (Fonte: Portal Terra, em <http://bit.ly/nz5Fbe>)



Acontece no dia 20 de setembro o 14º Encontro da Confraria Reações, no RJ. A leitura para debate do mês é o livro "Mururu no Amazonas", de Flávia Lins e Silva. Mais detalhes, acessem o convite no site Sobrecapa. Em <http://t.co/jy6nTQC>.



Paula Cajaty, escritora e editora do Boletim Leituras, é a mais nova colaboradora do Jornal Rascunho. Grande parceria! (Fonte: E-mail da Editoria)



Sobre curadoria de Claudia Nina e Thiago Rosenberg, acontece a 6ª edição do **Encontros de Interrogação**, no Itaú Cultural. A escritora Ivana Arruda Leite divulgou em seu blog Doidivana a programação completa. Em <http://bit.ly/r0xl53>.



Sem poesia não dá

Sérgio Bernardo

Um poeta na rua

Conheci o Rômulo Ferreira há uns bons anos, muito antes dele morar no Rio de Janeiro, ter seus dois filhos, montar seu estande de produtos artesanais reciclados nas feiras alternativas.

Foi amizade à primeira vista — apesar dos mais de 15 anos de diferença de idade. Um dos muitos irmãos caçulas que a poesia, a música, a arte pariram no meu caminho.

Posso parecer até suspeito para falar da pessoa Rômulo, que, mesmo só vindo a conhecer cara a cara no final de 2009, já conhecia, e muito, através dos longos bate-papos em cartas manuscritas (isso aí, ainda há, em plena era digital, trogloditas rabiscando suas inscrições rupestres em folhas de papel com a ponta úmida da caneta). Cartas trocadas até hoje, correndo o risco de ser (a gente reconhece) seres humanos em extinção.

Jamais fazendo concessões quando a matéria em pauta é a poesia, me cobro total imparcialidade para endereçar essas palavras ao poeta Rômulo.

Quando, bem jovem, me enviou pela primeira vez um fanzine artesanal trazendo poemas seus, ele habitava na velha Ouro Preto, terra com história no que diz respeito à poesia. Quem se esquece da Vila Rica dos poetas *inconfidentes*? De Gonzaga e Alvarenga? De *Marília de Dirceu*? Dos longos versos árcades? Dos temas pastoris? Do retorno a uma vida simples e naturalista, como a da Antiguidade clássica?

A poesia de Rômulo Ferreira reflete muito dessa simplicidade, exala bastante desse naturalismo, ainda quando trata de assuntos ligados ao universo urbano. Seus versos não tergiversam. Não resvalam na verborragia. Não se maquiam na sofisticação. Não se valem de artifícios linguísticos. Prescindem fácil das fórmulas poéticas decodificadas.

É uma poesia com feição rural, cheiro de terra, barulho de cachoeira. Tem algo de

primitivo, de tribal, de quilombola. Nela soam os tambores de Minas, venta o pó dos caminhos de São Tomé das Letras e Aiuruoca, através dela perfumam o ar os pães de queijo de todos os fornos das Gerais. E ainda assim, tão próxima da essência autêntica das coisas, consegue ser inventiva, ousada, original. Penso eu que por haver ali, rondando a natureza, uma alma inquieta, buscadora, inconformada com o *status quo*, visionária, lúdica e confiante na transformação para melhor de tudo o que anda e respira sobre a Terra.

Astrid Cabral *Intramuros*

A poeta amazonense Astrid Cabral, uma das mais importantes vozes femininas da poesia brasileira, lançou no último dia 17 de agosto, na sede social do Pen Clube do Brasil, no Rio, o livro de poemas *Intramuros*. Sobre a autora diz o escritor Cláudio Aguiar, presidente do Pen Clube: “A poesia de Astrid Cabral, até agora, tem sido um testemunho coerente de sua própria formação cultural e intelectual, pois, nascida na região amazônica, deve ter internalizado a grandeza daquele universo e o traduzido nas inúmeras possibilidades de sua construção poética”.

Roda de poesia na biblioteca

Realizada pelo Programa Municipal Pró-Leitura de Nova Friburgo, estreou na tarde do dia 25 de agosto, na Biblioteca Pública Municipal, a roda de poesia *Sementes da Terra*. Nessa primeira edição foi feita uma homenagem a poetas e trovadores da cidade serrana, sob a coordenação da poeta Elizabeth Vertulli. A intenção dos organizadores é tornar o evento semanal, sempre às 15h30, em mais um espaço aberto para a celebração da poesia.



Sem poesia não dá (cont.)

Sérgio Bernardo

Antologia pelo autor

O restaurante Grande Sertão, na Costa Azul, em Salvador, foi o palco neste dia 1 de setembro do lançamento de 50 poemas escolhidos pelo autor, de José Inácio Vieira de Melo, pela Edições Galo Branco, do Rio de Janeiro. O evento contou com a participação do poeta e ensaísta carioca Igor Fagundes, que fez uma apresentação da antologia.

Contatos para o envio de releases ou dicas sobre poesia: sempoesianaoda@hotmail.com ou <http://twitter.com/Sempoesianaoda>

Sérgio Bernardo é poeta e contista, premiado no Brasil, em Portugal e na Argentina. Autor de *Caverna dos Signos* e *Asfalto*.

O poema na sacada

ANFÍBIA

Tartaruga na rua das canoas
sigo entre baronesas e entre folhas
de cuieiras submersas sob chuvas
ex-nuvens provisórias e pesadas
despencando suicidas na paisagem
do quintal engolido no dilúvio.
Bracejo audaz às cócegas na face
e me lanço ao balanço de águas frias
varadas por cardumes de girinos.
Este é meu reino, penso aliviada
até que alguns adultos me aprisionam
no curral de uma sala encortinada
e então massacram meu pendor anfíbio
com sermões e censuras bem mesquinhas
e ameaçam com a voracidade e a fúria
de poraquês, piranhas, jacarés.
Tudo para que em terra firme pise
essa menina irmã de tartarugas
tão inquietina dos igarapés.



[Astrid Cabral, do livro *Visgo da Terra*, 3ª edição, Editora Valer, 2005]



Nas entrelinhas da escrita

Em terras muito distantes onde se falava português, havia um rei que não se preocupava com os súditos ou com o reinado. Gostava mesmo era de estudar o livro secreto do reino, *A Gramática*, e ser do contra. Discordava de tudo e, quando discursava, os súditos se perguntavam: “Por que ele troca sempre o que diz?”

Essa questão chegou aos ouvidos do rei. Muito orgulhoso da ciência oculta que dominava, resolveu usar, cada vez mais, regras de concordância problemáticas em sua oratória. Um dia, após trocar todas as leis só para divergir, reuniu o povo para divulgar o seguinte:

“Vocês receberão **em anexo** a **lista** de mudanças.” Não satisfeito, reiterou, “então a **listagem** seguirá **anexa**”, e acrescentou, “**os** novos **preceitos anexos** deverão ser obedecidos.”

O povo confuso não sabia se o rei, amante da contestação, estava discordando de si mesmo, ou se os vários modos de usar a palavra ‘anexo’ eram corretos.

Com falsa modéstia, acrescentou, “Se **houver** **descontentes** que se manifestem agora. **Poderá** **haver** debates entre vocês, mas desejo que aguardem, pois **há de haver** outras **mudanças** e saibam muitas outras **modificações não de acontecer** em meus domínios.”

Após o pronunciamento, os súditos dispersaram-se. A incerteza era grande, não tanto com as novas reformas impostas, mas com a forma do discurso do rei.

Um sábio do lugar, que a tudo observava, convocou os líderes dos vários condados para explicar-lhes alguns pontos do livro secreto ao qual só ele e o rei tinham acesso. Informou-

lhes:

- a expressão **em anexo** é sempre invariável;
- a palavra **anexo** concorda em gênero e número com a palavra a que se refere;
- o verbo **haver**, empregado no sentido de existir, é impessoal;
- o verbo **haver**, funcionando como verbo principal e antecedido de um auxiliar, permanece impessoal;
- o verbo **haver**, na posição de auxiliar, obedece ao verbo principal e a concordância desse auxiliar será feita com o sujeito da oração.

Assim, disse o sábio, o rei usou corretamente ‘há de haver outras mudanças’, pois o verbo principal é o verbo impessoal ‘haver’ e ‘outras modificações não de acontecer’, porque, além do verbo principal ‘acontecer’ ser um verbo pessoal, o sujeito da oração está no plural.

Agora vão, comuniquem esses ensinamentos aos homens de suas jurisdições, acalme-os, e esperemos em paz as novas mudanças do rei.

“Mas senhor”, perguntaram os condes, “o verbo **haver** pode ser conjugado normalmente?”

Refletindo um pouco, o sábio respondeu: “No sentido de *comportar-se, proceder, sair-se, ajustar contas, entender-se, pensar, achar conveniente e julgar*, ele é conjugado normalmente.”

Assim, o sábio e os condes **houveram** por bem dar fim à conversa.

Dag Bandeira é escritora, autora do romance “Visão Distorcida” (Ed. Vermelho Marinho, 2011) e professora de Português e Inglês.

Havia um rei

Dag Bandeira

“*Em terras muito distantes onde se falava português, havia um rei que não se preocupava com os súditos ou com o reinado. Gostava mesmo era de estudar o livro secreto do reino, A Gramática, e ser do contra.*”



O Escritor em Foco

Escrever, inspiração ou trabalho?

Christiane Angelotti

"A noção comum que se tem a respeito do escritor é que são pessoas excepcionais, nascidas com o dom de escrever bem o belo, são periodicamente visitadas por uma espécie de iluminação das musas, ou do Espírito Santo, ou de um outro espírito propriamente dito - fenômeno a que se dá o nome de 'Inspiração'. O escritor fica sendo assim uma espécie de agente ou médium, que apenas capta as inspirações sobre ele descidas, manipulando-as no papel graças 'aquele' dom de nascimento que é a sua marca. Pode ser que existam esses privilegiados - mas os que conheço são diferentes. Não há nada de súbito, nem de claro, nem de fácil." Rachel de Queiroz

Qual o escritor que nunca se deparou com uma página em branco e um "vazio de ideias"? Por que isso ocorre? O que nos falta nesse momento?

Tenho colegas que dizem serem momentos em que parece faltar uma conexão com o mundo interno. Isso explicaria porque não consigo escrever quando estou doente, porque não sinto a escrita fluir quando estou com algum problema mais sério que parece esgotar as minhas energias.

Considero escrever um ofício e, como todo ele, requer disciplina, esforço, vontade de aprender, estudo, dedicação. Mas há sim uma enorme diferença em ler um texto inspirado. Ele atinge diretamente a alma do leitor. É quase um momento mágico. E escrever estando inspirado também confere a mesma sensação.

Talvez existam escritores que só saibam escrever assim, inspirados. Mas é possível viver inspirado? Ou inspiração também é algo que se aprende a buscar?

Quem escreve (por vocação), tem como diferencial um poder de observação capaz de extrair do mundo, do cotidiano, momentos inspirados, as tais "sacadas" e assim garantir um toque especial na sua escrita. E isso requer um exercício de observação, de escuta e de sentir.

Penso, então, que trabalho e inspiração podem caminhar lado a lado.

Nos últimos tempos tenho lido alguns autores novos e me surpreendido com muita coisa. Se fosse editora apostaria em uns três ou quatro nomes de

escritores que considero promissores. E há muito mais. Por outro lado, há os que considero devaneios do mercado... Não entendo como alguns textos são editados e por que são. Sei que há leitores para todos os estilos e defendo essa ideia, mas alguns textos simplesmente não chegam nem a configurar no que se pode chamar de literatura, não dá. Bom, vou até mudar o rumo da coluna para não ser crítica demais.

Escrever é ter o dom de trabalhar com as palavras. Fazer de um assunto banal, foco de atenção. De uma observação do cotidiano, uma história interessante.

Nem sempre há o domínio da língua, mas isso se aprende. Difícil é ensinar alguém a ser escritor. E o que falta? Será inspiração? Vocação? Trabalho? Ou tudo isso junto?

Talvez para tentar entender a tal inspiração para escrever seja necessário entender porque escrevemos e o que nos motiva.

Escreve-se por amor e por necessidade.

Escreve-se para tentar entender o mundo, os outros e a si mesmo.

Escreve-se porque viver não é suficiente.

Escreve-se para sonhar.

Sempre me lembro de Rainer Maria Rilke em "Cartas a um jovem poeta" quando penso no que significa ser escritor. Seria possível viver sem escrever?

Por isso acho que a inspiração talvez seja um breve momento. Trabalhamos para alcançá-la, mas ela aparece quando menos se espera. Escrever vai além, é amor e trabalho.

Christiane Angelotti é escritora e Editora do site educativo ABC Kids (<http://www.abckids.com.br/>). Tem contos infantojuvenis publicados em livros didáticos de diversas editoras do Brasil e Portugal. Colaboradora na Fundação Padre Anchieta para material de apoio da Prefeitura de São Paulo. Escreve no blog <http://lerpraser.blogspot.com/>



Nas mãos da ilustração

Por Danilo Marques

Autovalorização



No mercado de ilustração de livros, acontecem oportunidades das mais diversas. Surgem oportunidades para se autopromover, para ganhar dinheiro, para não ganhar nada, para se complicar, para ser detestado, para ser querido, para ter estabilidade, para afundar-se em dívidas. Enfim, cada passo deve ser pensado antes de decidir, porque para o bem ou para o mal, nem sempre tem volta; até tem, mas nem sempre é simples.

Que conversa pessimista, eu sei, parece, mas vou então explicar o que estou falando.

Você está em seu estúdio, em sua casa ou em qualquer outro lugar e seu telefone toca ou você recebe um e-mail. É um orçamento, uma proposta, um convite para ilustrar. Às vezes é da editora *Top Super* que tem lá um texto cujas ilustrações parecem, segundo o editor, que foram feitas para você, e eles vão te pagar um valor ótimo e justo e, além disso, fazer um contrato honesto.

Utopia? Não, de modo algum, isso acontece, as

editoras desse porte trabalham direitinho, porém tem algumas, claro, desse gabarito, que pagarão legal também, mas cujo contrato não te garantirão nada além do pagamento.

De repente também pode ser um convite da Editora *Pequena Imprensa* e ela vai te pagar muito bem e te fazer um ótimo contrato. Como assim? Editoras pequenas não têm grana. Ah, o que vão fazer não sei, vão pedir empréstimo, vão arrumar capital de giro, não sei, só sei que muitas editoras pequenas e iniciantes estão aí entrando no mercado querendo fazer direito, e fazendo, e daqui a pouco serão grandes, ou permanecerão pequenas, porém estáveis.

Um quarto quadro. Uma editora pequena quer que você faça ilustrações de um livro, não vão te pagar metade sequer do que seu trabalho vale.

Quadro cinco. Uma editora pequena te chama para um serviço, o valor não chega à metade do que seu trabalho merece e, ainda assim, te paga em prestações, ou então te dá a maior canseira e



Nas mãos da ilustração (cont.)

Por Danilo Marques

youê recebe depois de ameaçar protestar, se houver contrato.

Quadro seis. Um escritor vai procurar a editora pequena e vai pagar a publicação, e te contrata para ilustrar, ele não pode pagar nem metade da metade, ou seja, ele vai te pagar menos do que a editora pequena te pagaria.

Apresentei seis quadros.

Agora responda: - O que é autovalorizar-se?

- Só trabalhar para a primeira?
- Só trabalhar para a primeira e a terceira?

Pergunto porque trata-se dos Campos Elíseos dos ilustradores somente ter clientes assim e sempre, sem jamais ter que fazer outro trabalho que não seja ilustração e somente para estas, ou seja, ter demanda de trabalho top, constante, sempre, pra sempre.

Mas isso não é autovalorização, isso é felicidade, sucesso, plenitude, mas não é isso que é autovalorização.

Autovalorização é você trabalhar para o grande e para o pequeno, receber ora pouco, ora muito, porém tudo com contrato, colocando os pingos nos is e deixando claro quem precisa de quem.

Se a editora grande paga cinco vezes mais que a editora pequena, maravilha! Mas deixar de fazer para a pequena será mesmo racional?

Eu tenho para mim que autovalorização é ter consigo umas diretrizes, mesmo que sem flexibilidade alguma, porém que tenham abrangência. Nestas diretrizes você aponta o que você quer na sua vida profissional, o que você permite aceitar numa proposta, o que você não aceita, etc. Daí você negocia dentro dessas suas leis, o que sair fora você entende como descer do seu nível e aceitar que te desvalorizem. Então diga NÃO e se autovalorize.

Porque se valorizar só aceitando fortunas não é autovalorizar-se, é "altovalorizar-se", com "éle".

Pecado? De modo algum. Se você pode, parabéns, eu não posso, preciso pagar aluguel, luz, água, telefone, internet, gás, fazer compras do mês no mercado, pagar o imposto da empresa, etc, etc, etc.

Ao mesmo tempo, se você tem respaldo para poder recusar trabalho da pequena empresa, pense que ela será a grande empresa de amanhã e a sua recusa pode ser a porta fechada no futuro.

Eu confesso. Muitas vezes não me autovalorizo, mas aprendo com o sufoco o quanto isso foi ruim, pois acabo pegando mais trabalho do que sou capaz de cumprir num mês, recebo pouco, trabalho muito, me endivido e ainda tenho que fazer trabalhos extras de ajuste e outros detalhes e perco as horas de descanso, de lazer, e continuo duro, indo totalmente contra a frase "Time is Money".

Autodesvalorização, burrice (no sentido de trabalho puxado) e continuarei me vendo na marginalidade do mercado, na periferia, enquanto os colegas colhem louros de prêmios, exposições, salões de livros, viagens, etc, etc.

Então escrevi este artigo, para dizer a você que não pegue este caminho, de dizer *sim* para tudo, pois eu fiz isso, e estava desde janeiro atolado em trabalho, sem tempo para mim e no sufoco, ganhando o que ganharia normalmente se eu tivesse me autovalorizado, com "u", ou seja, seguido certas regras e critérios. Conseguí entregar o que estava pendente, agora aprendi a lição, e vim ensinar pra você, para te livrar do sufoco.

Sucesso!

Danilo Marques é paulista, ilustrador, membro da AEILIJ e tem mais de vinte livros ilustrados. Mantém o site <http://www.danilomarques.com.br>.



Tirando da gaveta...

A medida do bastante

Dag Bandeira

Aquele senhor de aparência tranquila terminava o lanche da tarde, ocupando sozinho uma mesa de quatro lugares. Não havia outra desocupada. Perguntei-lhe se podia me sentar. Gentil, sorriu e com um gesto da mão apontou-me um dos lugares. Sem prestar atenção nele, saboreando minhas frutas, entretinha-me com meus pensamentos. Foi quando o ouvi dizer, um descanso à tarde é necessário, essa vida é tão frenética. Só então percebi que ele havia terminado. Com as mãos cruzadas sobre a mesa, olhava-me, com um semblante calmo, como se fôssemos velhos conhecidos. Não sabia se queria estender a conversa e me surpreendi dizendo, eh, o corpo nos avisa quando precisamos parar. Prossegui comendo, e aquele homem grisalho, de modos elegantes, continuou. O meu trabalho me exige muito, sou da área de consultoria financeira, não posso parar ou cometer erros e ainda cuido de minha mãe, em cima de uma cama, com Alzheimer. Ele dizia tudo isso, sem me conhecer, mas com tranquilidade. Tinha uma única certeza, precisava dar-lhe voz. Não senti pena. Mais do que qualquer coisa, ao ouvi-lo, observava antes minhas reações. Mantive o silêncio exterior, só o exterior, porque o fluxo de pensamento corria solto. Naturalmente sou loquaz. Os amigos dizem sempre que falo bastante. E qual seria a real medida do bastante? Naquela tarde, estive por descobrir. Dei voz ao desconhecido, não sem antes confortá-lo, não sofra, trate-a bem, porque agora ela só precisa de carinho. Ele continuou, tenho também uma filha esquizofrênica. Naquele momento, fiquei mexida e sentia aflorar dentro de mim toda a verborragia de meu temperamento. Contive-me e busquei então dizer-lhe o que qualquer um diria: mas as pessoas assim, não ousei repetir o termo esquizofrênica, se medicadas, levam uma vida normal. Eu sei, retrucou, mas ela recusa o medicamento. A placidez e a

doçura teimavam em fazer morada no discurso daquele homem. Fixando meu olhar no dele, procurei falar sobre os benefícios dos exercícios físicos para aliviar as pressões do cotidiano. Cheguei mesmo a pensar, ele deve estar percebendo meu grau de informação. Senti vergonha. Mais uma vez, a calma em pessoa falava, houve uma época que nadava, disse ele, mas agora é quase impossível. Meu tempo não me pertence mais. Você mora por aqui?, arrisquei e, sem pausa, acrescentei, há uma academia muito boa neste shopping. Procurava enxertar em minhas palavras e no olhar algum otimismo. Sabia que não era o que ele precisava, mas só tinha isso para lhe dar. Senti-me inútil ante o sofrimento alheio. Ele continuou, ela é bonita, jovem e inteligente, mas não há jeito, se recusa a viver. Refletiu, desse modo, a própria existência diante de mim. Impotente, não mais saboreava, empurrava, antes, as frutas que se impregnaram da acidez da vida do outro. Terminei, levantei-me, agradecendo-lhe, de forma cortês, o prazer de tão boa companhia. A dor daquele homem grudou em mim. Deixei-me penetrar por uma sensação jamais sentida. Havia algo de etéreo no lamento do desconhecido. Arrumando a cadeira, ouvi-o dizer, bastante interessante seu modo de encarar a vida, o prazer foi todo meu.

Dag Bandeira é escritora, autora do romance "Visão Distorcida" (Ed. Vermelho Marinho, 2011) e professora de Português e Inglês.



Ficção de Gaveta – Concursos Literários

Prorrogado até 30 de setembro de 2011

Prêmio SESC de Literatura

Categorias: contos e romance

Máximo de obras: cada participante poderá participar com apenas uma obra em cada categoria. Caso participe em ambas as categorias, as inscrições deverão ser enviadas separadamente, com pseudônimos distintos.

Obs: O autor não poderá ter nenhum livro publicado nas categorias em que se inscrever.

Premiação: o vencedor de cada categoria terá sua obra publicada e distribuída comercialmente pela editora Record, com uma tiragem inicial de 2 mil exemplares.

Resultado: março de 2012

Edital: <http://www.sesc.com.br/premiosesc/edital.html>

Até 30 de setembro de 2011

Concurso de Contos 2011 – SESC-AM

Categorias: contos

Máximo de obras: até 2(dois) trabalhos.

Obs: O autor não poderá ter nenhum trabalho publicado. Entende-se por publicação o processo de edição de uma obra literária e sua distribuição em livrarias.

Premiação: Os 15 primeiros colocados participarão de uma antologia e receberão certificado de participação. O 1º lugar receberá 20 (vinte) exemplares da antologia + notebook; 2º lugar receberá 20 (vinte) exemplares da antologia + IPOD; 3º lugar receberá 20 (vinte) exemplares da antologia + kit contendo Cem melhores contos de todos os tempos e Cem melhores contos fantásticos.

Resultado: não divulgado

Edital: http://www.sesc-am.com.br/Regulamento_Contos2011.pdf

Até 17 de outubro de 2011

Prêmio Moacyr Scliar de Literatura – Categoria Poesia - 2011

Categoria: poesia

Obs: A cada edição, uma categoria será privilegiada: em 2011, Prêmio Moacyr Scliar de Literatura - Categoria Poesia; em 2012, Prêmio Moacyr Scliar de Literatura - Categoria Contos. Nos anos seguintes, sempre será alternado: em um ano, poesia; no outro, conto.

Para livros em primeira edição de autores brasileiros, publicados entre 1º de janeiro de 2009 e 31 de dezembro de 2010, no Brasil, escritos em português.

Os livros devem estar em dia com a Lei do Depósito Legal e possuir número de ISBN impresso.

Premiação: O autor do livro selecionado será contemplado com prêmio no valor bruto de R\$ 150 mil e a editora com prêmio no valor bruto de R\$ 30 mil.

Resultado: 08 de fevereiro de 2012

Cerimônia de Premiação: 29 de março de 2012.

Edital: <http://ielrs.blogspot.com/p/premio-moacyr-scliar-de-literatura.html>

Até 30 de novembro de 2011

Prêmio Cataratas

Categorias: contos e poesias

Máximo de obras: 1 (um) conto e/ou 1 (uma) poesia, escrita em português ou espanhol.

Obs: A temática e o estilo são livres.

Premiação: 1º lugar (R\$ 1200); 2º lugar (R\$ 800); 3º lugar (R\$ 500).

Resultado: não divulgado

Edital: <http://www.fozdoiguacu.pr.gov.br/Portal/VisualizaObj.aspx?IDObj=12157>



RESULTADOS**Prêmio Josué Guimarães**

João Goulart de Souza Gomes e Gilmar Penteado foram os vencedores do Prêmio Josué Guimarães. João ganhou R\$ 5 mil, um troféu e uma passagem para Santiago de Compostela. Gilmar recebeu R\$ 3 mil e um troféu. Além deles, Paulo César Pimentel e Guilherme Gigliane receberam menção honrosa.

7º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon.

Anunciado no dia 22 de agosto, o vencedor do Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon foi João Almino, por seu romance *Cidade Livre* (Record, 2010). João levou o prêmio de R\$ 150 mil.

Foram finalistas, entre os 228 livros inscritos: Adriana Lisboa (*Azul-Corvo*, Rocco), Cristóvão Tezza (*Um erro emocional*, Record), Helder Macedo (*Natália*, Azougue), João Silvério Trevisan (*Rei do Cheiro*, Record), Luiz Ruffato (*Estive em Lisboa e lembrei de*

you, Companhia das Letras), Michel Laub (*Diário da Queda*, Companhia das Letras), Pepetela (*O planalto e a estepe*, Leya), Rodrigo Lacerda (*Outra Vida*, Alfaguara) e Rubens Figueiredo (*Passageiro do fim do dia*, Companhia das Letras)

Em setembro será divulgada a lista dos 10 livros finalistas do **Prêmio Portugal Telecom** dentre os 50 classificados pelo *Júri Inicial*. Depois, em **novembro**, o *Júri Final* irá eleger os três vencedores.

Em **21 de setembro** será divulgada a apuração da 1ª fase do **Prêmio Jabuti**, com os 10 finalistas, de cada categoria, que passarão para a próxima fase. Na 2ª fase, os jurados avaliarão e atribuirão notas às dez obras finalistas de cada categoria. A obra mais votada será escolhida como vencedora do Prêmio Jabuti em sua categoria. A apuração da 2ª fase se dará em **18 de outubro**.



<http://www.benfazeja.com>

<http://www.twitter.com/benfazeja>

Marque na agenda...**Eventos e feiras literárias****De 01 a 11 de setembro**

Salão do Livro Infantil e Juvenil de Minas Gerais, em Belo Horizonte (MG).

<http://www.salaodolivro.com.br/salaodolivromg/2011/>

De 01 a 11 de setembro

Bienal do Livro do Rio de Janeiro.
<http://www.bienaldolivro.com.br>

De 02 a 11 de setembro

XV Feira Pan-Amazônica do Livro, em Belém (PA)
<http://feiradolivro.pa.gov.br/>

De 28 de outubro a 06 de novembro

Bienal do Livro da Bahia.
<http://www.bienaldolivrodabahia.com.br/>

De 04 a 13 de novembro

2º Salão do Livro de Presidente Prudente
<http://salaodolivropp.com.br/>

De 05 a 14 de novembro

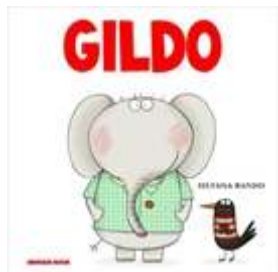
6ª Bienal do Livro de Campos dos Goytacazes (RJ).
<http://www.bienaldolivrocampos.com.br/>

De 11 a 15 de novembro

VII Festa Literária Internacional de Pernambuco, em Olinda (PE)
<http://www.fliporto.net/>



Mais vendidos – Ranking Sobrecapa



- 1º Gildo – Silvana Rando (Brinque Book). ♣
- 2º Papai é meu! – Ilan Brenman (Salamandra) ❖
- 3º As Cinderelas das Bonecas – Ruth Rocha (Salamandra) ❖
- 4º Até as princesas soltam pum! – Ilan Brenman (Brinque Book). ♣
- 5º Pai – Guto Lins (Globo). ❖
- 6º Nós passaremos em branco – Luís Henrique Pellanda (Arquipélago Editorial). ❖

♣ indica que o livro já esteve na lista do Jornal Sobrecapa Literal

❖ indica que o livro aparece pela primeira vez na lista do Jornal Sobrecapa Literal

**Outros livros que apareceram no ranking das livrarias
(sem a qtd que possibilite a inclusão no ranking do Sobrecapa Literal):**

Vidas Secas – Graciliano Ramos (Record)

Período: 30 de julho a 28 de agosto

Fonte:

Livrarias Curitiba (PR: Curitiba, Londrina, São José dos Pinhais, Maringá; SC: Joinville; SP: São Paulo);

Livrarias Catarinense (SC: Blumenau, Balneário Camboriú, Florianópolis);

Livraria Cultura (São Paulo, Campinas, Brasília, Recife, Porto Alegre, Fortaleza, Salvador e Internet);

Livraria da Vila.



Cursos, oficinas e eventos de SETEMBRO

Alguns cursos de setembro na **Estação das Letras** (Av. Marques de Abrantes, 177 loja 107 - Flamengo – RJ):

Conto e Romance

- Oficina Permanente de Criação Literária, com [Esdras do Nascimento](#).
- Oficina de Contos para jovens, com [João Paulo Vaz](#).

Crônica

- Ela é carioca: a crônica – oficina de leitura e produção, com [Ricardo Oiticica](#).

Poesia

- Oficina de iniciação poética, com [Marcus Vinicius Quiroga](#).
- Oficina de poesia (avançada), com [Carlito Azevedo](#).

Outros

- Curso teórico e prático de editoração e preparação de originais, com [Alvanísio Damasceno](#).
- Introdução à escrita da fantasia e da ficção científica, com [Ana Lúcia Merege](#).
- Oficina potencializadora – leitura e produção textual, com [Roberto Moreira Rodrigues](#).
- Processos Critativos – Módulo 7 – Caminhos da Biografia, com [Cláudio Aguiar](#).

Mais informações pelo site

<http://www.estacaodasletras.com.br> ou pelo telefone (21) 3237-3947



Acontece em setembro no **Espaço Telezoom** (Rua Mário de Andrade, 48 – Largo dos Leões – Humaitá – RJ):

Curso: Caminho das Pedras para publicar um livro, com [Cristiane Costa](#), [Alberto Schprejer](#), [Ana Paula Maia](#) e [Valéria Martins](#).



A Oficina “Ler e Contar – Contar e Ler” com [Francisco Gregório Filho](#), será oferecida de 12 de setembro a 03 de outubro, no Centro Cultural da UERJ – sala 03 (Rua São Francisco Xavier, 524 – Maracanã - RJ). Infs: (21) 2334-0625



Em 12 de setembro acontecerá o evento “**Rodas de Leitura**”, projeto da Estação das Letras. **Marco Lucchesi** falará sobre Dante Alighieri, por meio da leitura “A Divina Comédia: do Universal ao particular”, na Fundação Biblioteca Nacional (Auditório Machado de Assis), na Rua México, s/nº. As

edições anteriores podem ser conferidas no blog <http://www.rodas-de-leitura.blogspot.com/>.



Projeto “Um Escritor na Biblioteca” levará vários escritores em 2011 para conversar com o público, no auditório Paul Garfunkel, na Biblioteca Pública do Paraná (Rua Cândido Lopes, 133 – Centro de Curitiba). A entrada é franca. Infs (41) 3221-4900. Confira agenda:

20 de setembro: Marçal Aquino

04 de outubro: Reinaldo Moraes

18 de outubro: Sérgio Sant'anna

29 de novembro: Tony Bellotto

6 de dezembro: Milton Hatoum



A Oficina Cultural Cândido Portinari promove, em Ribeirão Preto, a oficina “Clássicos da Literatura”. As inscrições estarão abertas do dia 8 de agosto até dia 23 de setembro. Com 30 vagas disponíveis, a seleção será feita pela ordem de inscrição, sem provas ou análise de currículo.

As inscrições são gratuitas e devem ser feitas na Oficina Cultural Cândido Portinari, na rua Visconde de Inhaúma, 490 – 1º andar – Centro – Edifício Padre Euclides.

A oficina tem coordenação de Vera Abriata.



Estão abertas as inscrições para a Oficina BPP (Biblioteca Pública do Paraná) de Criação Literária – Narrativa de Ficção, que acontece nos dias 12, 13 e 15 de setembro, das 14 às 18 horas, com o escritor gaúcho Michel Laub. As inscrições, gratuitas, podem ser feitas até o dia 05 de setembro, via e-mail (oficina@bpp.pr.gov.br).

Até o fim do ano acontecem mais duas oficinas: Texto Dramático, com Marcos Damasceno, e Reportagem, com Eliane Brum.

Mais informações: (41) 3221-4974



Sobrecapa Literal

Sobrecapa Literal



é um
suplemento do Site
Sobrecapa.

Rio de Janeiro, RJ.

Email:
jornal@
sobrecapaliteral.
com.br

Estamos na Web!

Visite-nos em:

**www.sobrecapa
literal.com.br**

Quer assinar o Sobrecapa Literal?

Assinantes do Sobrecapa Literal não pagam nada, mas recebem em primeira mão o link e os destaques das próximas edições.

Basta acessar o formulário que está em:

<http://bit.ly/fy5KUo>

Quer anunciar no Sobrecapa Literal?

Vamos abrir espaço para os anunciantes no **Sobrecapa Literal**.

Para quem tiver interesse, basta mandar um e-mail para
jornal@sobrecapaliteral.com.br.



Colaboradores dessa edição:

Ana Cristina Melo, Dag Bandeira, Sérgio Bernardo, Danilo Marques e
Christiane Angelotti.

Sobre a proposta do nosso jornal...

O Sobrecapa Literal nasceu para ser um canal de divulgação não só dos lançamentos literários (complemento ao Site Sobrecapa – <http://www.sobrecapa.com.br>), como também para ser um ponto de encontro para se pensar e falar de **literatura nacional**. Um ponto de encontro para leitores e profissionais da área. Então, sinta-se à vontade para sugerir, criticar, elogiar e participar.

Ana Cristina Melo

*Escritora e Editora do Site Sobrecapa e
do Jornal Sobrecapa Literal*

